

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I.

SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO 16 DE AGOSTO DE 1885

NUMERO 12

Expediente

Por enquanto publica-se este jornal aos domingos.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. 3\$000

PELO CORREIO

Semestre. 4\$000

Numero avulso 40 réis.

Pagamento adiantado.

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preço muito favoravel.

E' impresso este jornal na typographia de J. J. Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 16 de Agosto de 1885.

Ha muito que o paiz está cansado de supportar a monarchia; ha muito que ella não passa de mirrada e rachitica planta, sem a precisa seiva para viver com robustez, nem

13

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

A SÊSTA

(CONTOS)

AS MÁS LINGUAS

III

— Meu Deus! meu Deus! exclamou Jeronymo, escondendo o rosto entre as mãos.

— E sabe o sr. Jeronymo o effeito que essas palavras produzem no coração de um pae? Sabe o que é dizer-lhe com a mais pungente ironia: a filha que tu estremecias, que era o sangue do teu sangue, a alegria do teu viver domestico, a consolação da tua alma, a tua vida, acaba de se ir pelos teus cabellos brancos, precipitando a voragem insondavel das paixões a degradação do vicio, na prostituição? Sabe o sr. Jeronymo o que é dizer a esse homem: morre, porque na tua frente enxada do trabalho, a minha mão apouca o sello da ignominia; morre, porque eu conheço os teus brios, os teus sentimentos de honestidade, e sei que não

as condições sociaes necessarias para o vigor de seu organismo, depauperado, decadente.

Victimas do actual systema, as provincias desfalecem a olhos vistos, aniquilam-se cada vez mais, a ponto de apresentarem o quadro de pobreza e enfraquecimento que se vê por todo o imperio.

As finanças mal dirigidas, sem elementos que possam fortalecel-as, sem condições que possam endireital-as, porque a centralisação tudo inutilisa, tudo estraga, são o que pôde haver de vergonhoso, de afflictivo.

O analfabetismo de povo, que ostenta-se em todo o imperio, é o mais poderoso factor de nossa desmoralisação politica, é a causa que mais fortemente contribue para as especulações continuas no dominio da vida publica.

A moral politica, garantia de probidade e de honradez nos partidos, desapareceu entre nós, não passa de uma arrojada hyperbole, de uma cousa sem significação pratica.

A decencia dos governos, necessidade absoluta para a boa direcção dos negocios publicos, é cousa em que já ninguém acredita, é fructo prohibido.

A boa razão e o criterio, indispensaveis para a marcha acertada das decisões governamentais, são desconhecidos, nem si quer se exige que possuam-n'as aquelles que têm de occupar as posições directoras.

Tudo está abalado! tudo ameaça cahir, esboroar-se!

Só uma cousa está de pé — a decadência!

Só uma força é pujante — a ruína!

E no meio de todos estes estragos, de todo esse *mare magnum* de anarchia, de desmoralisação e de crimes, a monarchia ostenta-se medonha, pedindo continuos sacrificios ao paiz, e exigindo novos elementos que possa utilizar em seu proveito, ainda que para infelicidade da nação.

Tudo está doente, mas a monarchia não tem por missão cuidar dos interesses da pa-

tria, precisa tratar de sua conservação e seu brilho, e não pôde, portanto, importar-se com os males que affligem o Brazil.

Diante de todos os desastres, de todos os descalabros publicos a realza conserva-se muda; convém-lhe viver entre destroços, porque a reconstituição será sua queda, a organização logica do paiz será a sua eliminação.

Mas nós não somos a monarchia, somos o povo; não somos a especulação, somos o patriotismo; temos, portanto, o dever de trabalhar com energia, com força, para que esta patria, que adoramos e ameaça morrer, possa levantar-se cheia de vida e de saúde.

Temos de trabalhar muito, mas não importa; a grandeza da idéa que pregamos é recompensa bastante para o nosso sacrificio.

Sabemos que milhares de obstaculos se apresentarão diante de nós; não nos ha de isso abater; tomaremos a coragem precisa na virtude de nossos principios, procuraremos força na legitimidade dos direitos que defendemos.

Precisamos porém, de fazer poderoso pelo numero de seus soldados um partido que já o é pela grandeza de suas doutrinas.

Precisamos que todos aquelles que são patriotas, que se interessam pela felicidade do Brazil, que collocam acima de interesses de momento os sagrados interesses da nação, se unam a nós, comnosco colaborem para a grandeza da patria e felicidade do povo.

Só assim é que o Brazil poderá ser grande, respeitado, poderoso.

Enquanto porém, em lugar de guiar-se por principios decorridos da necessidade social, a politica brasileira não passar de lutas individuaes, de mesquinhas questiuiculas de aldeia, como é actualmente e está provando-o a Camara, só predominará no paiz — a inconveniencia, o descalabro.

Para abater esse systema de prejuisos precisamos, pois, fazer um partido forte, mo-

sobreviverás á nodoa impura com que manchei o teu nome e a honra da tua familia! E que nome merece o homem que pratica estas vilanias e torpezas?

— Desgraçado de mim! murmurou Jeronymo com profundo terror.

— O de calumniador e assassino! exclamou Alberto com mal contida indignação. E, diga-me, sr. Jeronymo, que motivos imperiosos o levaram a escrever aquella carta? Que mal lhe havia feito a pobre menina? Seria porque, habituada a ver no companheiro da sua infancia, o operario docil, trabalhador e reconhecido, esqueceu tudo, para dar o seu amor ao desvalido da fortuna, ao orphão desgraçado, e acolhido caridosamente por seu pae? Seria porque aquella alma ingenua e pura não sonhava na terra outra ventura, que não fosse a de confiar o seu futuro do homem que era, para ella, a sua esperança e a sua vida? Consulte a sua consciencia, e verá que a acção que praticou, não ha remorsos que a possam redimir.

— Oh! calle-se, calle-se por compaixão! disse Jeronymo debulhado em pranto.

— Ouça-me até o fim. A sua loucura cegou-o completamente; na carta que escreveu ao honrado Raymundo, fallava do homem a quem Maria se vendera ignobilmente: esse homem sou eu, sr. Jeronymo. A minha dignidade e a minha consciencia são supe-

riores e essa accusação indigna; mas o que eu pretendo a todo o transe, á custa de todos os sacrificios, é justificar plenamente o procedimento da pobre menina tão injustamente aggreddida. Sabe o sr. Jeronymo que relações me ligam estreita e intimamente com a familia de Raymundo? Vae sabelo agora, e depois, mais do que nunca, avaliara a injustiça e a perversidade da sua feia acção.

E Alberto contou a Jeronymo que era o irmão de leite de Maria, e que depois de estar ausente de Lisboa muitos annos, viera do Rio de Janeiro tratar de negocios importantes, com recommendação da mãe de procurar a ama que o creára, e fazer-lhe todo o bem que estivesse ao seu alcance. Que conseguira descobrir a morada de Raymundo, e não encontrando viva a mulher, cujo leite bebera, cumprira a sua missão, applicando o beneficio á que fôra companheira da sua meninice.

O operario escutava-o anhelante, e quando Alberto acabou a sua narração, Jeronymo, erguendo-se d'um impeto, caiu de joelhos, e pegando nos mãos do moço brasileiro, exclamou:

Oh! perdão, senhor, perdão para mim que estou desgraçado e maldito. Aceite a minha vida, como expiação do crime que cometti, mas seja o meu protector, interceda por mim, para com o meu bemfeitor, e para com...

ralizado, livre das condições más em que se acham os que privam com a causa de todos os males, com o factor mais poderoso de todas as desgraças nacionaes — a corôa.

Para isso é que trabalhamos com esforço, sem descanso; para isso é que empregamos toda a energia de que somos susceptivel.

E temos esperança — nossos trabalhos não ficarão sem recompensa, nossos esforços não serão inuteis.

O nosso povo é patriota, é intelligente, comprehenderá, pois, e dentro em breve, que nossa politica é a que convem ao paiz, é a unica que pode felicitá-lo.

Quando a esse estado tiver chegado o povo, quando a crença na utilidade das instituições que possuímos houver desaparecido, teremos formado um partido poderoso e poderemos cantar a victoria de nossos principios e a felicidade duradoura da patria.

INTERESSES GERAES

O Taboleiro

Para provarmos a parcialidade proposital ou encomendada com que o Sr. Firmo de Mello elaborou o relatório da E. F. Pedro I, basta encarmarmos os seus commentarios sobre a desobstrução do taboleiro do nosso porto, orçando-a com bases improprias em 9,748:113,721!!!

A julgar-se o todo dos estudos preliminares em geral desta estrada pela opinião do Sr. Firmo de Mello, tomando-se por base aquelle orçamento absurdo, chega-se a conclusão de que esse engenheiro não teve em vista outro fim que não fôsse o de fornecer ao governo um motivo em que se baseie para rescindir o contracto com a companhia Inglesa!

Mas, não sendo esta a secção propria para nos occuparmos do injusto relatório do Sr. Firmo de Mello, passemos a occupar a nossa attenção com o assumpto a que demos a epigraphie deste artigo.

Ainda no ultimo vapor tivemos informações da cidade do Rio Grande, que nos foram fornecidas por pessoas de nossa inteira confiança e amizade, de que as dragas que para ali foram ao serviço da barra estão em disponibilidade.

Porque é que o governo não as manda remover para o nosso porto?

E, tendo em disponibilidade, isto é, não fazendo parte da esquadra de evoluções os navios de guerra *Sete de Setembro*, *monitor Bahia* e *canhoneira Guarany*, porque não determina a sua vinda para estacionarem n'este porto, e, com aquellas dragas, occupal-os na desobstrução desse referido taboleiro?!

Ha nisso inconveniencia?

Não a acreditamos.

Ha sacrificio para o estado?

Onde? em que? porque motivo?

O dispendio do pessoal é o mesmo, tanto mais que já temos demonstrado que não carece outro que não seja o proprio desses navios, o qual, lá ou aqui tem que ser pago.

O dispendio do combustivel será a causa do sacrificio?

Mas como, si as proprias faxinas podem fazer tanta lenha nas mattas fronteiras ao taboleiro quanta seja sufficiente e de sobra para o serviço especial das dragas?!

Desde que, portanto, dispomos destas, de navios e de pessoal, e nada tem que dispendir o estado com onus aos cofres publicos, salvo dispendios insignificantes que sempre occorrem em taes casos, está provado sufficientemente que se o governo não vem em auxilio desta provincia, proporcionando-lhe este melhoramento, é porque não quer, e então fique o publico convencido de que o Sr. Silveira Martins não mentio quando disse: *O poder é o poder, — soffra quem soffrer.* E como esta *quem soffrer* quer dizer: — o

povo é que soffre, — este tanto se ha de aborrecer até que um dia se revolte contra os algozes que assim abusam da sua paciencia e boa indole!

E' bom não exasperal-o de todo.

Não se nos offerecem mais meios pacificos e prudentes para nos occuparmos desta importante questão além dos que temos empregado, porquanto;

Já demonstrámos para esse fim os meios faceis e economicos;

O que cumpre ao governo fazer;

A vantagem do melhoramento para o povo e o estado;

O meio que os nossos representantes têm para o discutirem e o lembrarem ao governo e a conveniencia da sua urgencia.

Chegámos até, — suppondo que os nossos deputados não tenham ligado a questão a devida importancia, — a dirigir-nos particularmente ao distincto deputado geral o Sr. Campos Salles, nosso particular amigo e distincto co-religionario, incumbindo-o de occupar-se no parlamento desse importante assumpto que trará á provincia de Santa Catharina um dos mais importantes melhoramentos que cooperarão para o seu grande progresso.

Se o Exm. Sr. Dr. Presidente da provincia nos tiver dado a honra de ler os artigos que a respeito temos elaborado, estamos convencidos de que elle, se tem em vista o nosso progresso, deve ter informado ao governo sobre a questão no mesmo sentido facil e economico em que a temos discutido; e se ainda o não fez é de esperar que o faça, porque trata-se de um melhoramento importante, urgente, que se consegue sem onus aos cofres publicos, com o qual esta provincia como o paiz inteiro muito terão que lucrar.

Seja porém como fôr, dê por onde der, não cessaremos de discorrer sobre o motivo que nesta questão nos torna exigentes.

Digam embora que somos importunos; não nos importa isso.

Trabalhamos pelo ganho da causa que nos propozemos defender — pela causa do povo; e enquanto o não conseguirmos, principalmente no que diz respeito a questão de que nos estamos occupando, a nossa penna não se quebrará porque ella é forte como a nossa vontade.

E. F. Pedro I

Agora que temos inteiro conhecimento do relatório que o Sr. Firmo de Mello apresentou ao ministro da agricultura, relativo aos estudos preliminares da E. F. Pedro I, sejamos permittido confirmar o que dissemos ha mezes quando asseverámos (sem ainda conhecermos esse relatório) que elle, como chefe da commissão fiscal, logo no dia immediato ao da sua chegada a esta capital declarou-se contra a construção dessa estrada, a ponto de chegar a afirmar que ella não se construia porque elle se oppunha a isso.

Esse relatório veio justificar-nos e confirmar a vontade soberana, despotica e attentatoria do chefe dessa commissão, seu elaborador e responsavel.

Que concluir dali?

Ou que esse engenheiro foi nomeado exclusivamente para dar parecer contra essa estrada, para que o governo conseguisse uma base para poder rescindir o contracto com a companhia inglesa, ou que pôde-se suppor, talvez asseverar, que o Sr. Firmo de Mello está ligado por interesses pessoais á estrada, que aconselha como mais conveniente, partindo de S. Paulo e atravessando o Paraná até Porto-Alegre.

No primeiro caso, se tal succedeu, foi por conselho ou ordem do governo e a este principalmente cabe toda a responsabilidade do prejuizo que causa ao paiz e muito essencialmente a esta provincia, sacrificada e encarada com desdem pelos poderes adminis-

trativo e pessoal, sempre traiçoeiros, sempre inconvenientes e prejudiciaes.

No segundo caso, sendo, como parece, uma especulação, o engenheiro chefe commetteu o crime de lesa-patria e demonstrou claramente que prefere os interesses pessoais aos interesses geraes de seu paiz.

Tal procedimento é reprovado por todos aquelles que considerem acima de tudo os nobres sentimentos patrioticos, que o Sr. Firmo de Mello não parece ter.

O relatório a que nos referimos, é, em vez de uma sentença justiceira proferida por um juiz calmo e imparcial, um sophisma que tomou a dianteira á logica para chegar a monstruosas conclusões.

A posição do engenheiro que o elaborou nos faz recordar aquelles tribunaes revolucionarios que tinham sempre uma condenação para o infeliz que a elles comparecia, porque só era para ali arrastado aquelle que era fraco, desprotegido e sem posição, votado previamente á sanha do carrasco.

Consequentemente, esse relatório não collocou o Dr. Firmo de Mello na altura do juiz recto e criterioso, que tinha de proferir uma sentença justiceira n'uma causa em que o Paiz inteiro é interessado. S. S. parece antes, como dissemos, um advogado de alguma empreza, cujos interesses chocam-se com os da E. F. Pedro I.

E a prova é que condemna esta declarando-a absurda, inexequivel, improductiva e ruinosa para o estado, quando os factos e as opiniões de tantos sabios attestam o contrario!

Começa o Sr. Dr. Firmo de Mello seu relatório, manifestando surpresa pelo facto da direcção da E. F. Pedro I, partindo do melhor porto de Santa Catharina á Porto-Alegre, com percurso entre a serra geral e o mar, declarando peremptoriamente ser isso um desacerto.

E para formar esta opinião, funda-se em que seria um acerto estabelecer-se uma rede de caminhos de ferro, que convergissem á capital do Imperio, symbolisando sua união e integridade; mas o que S. S. esqueceu-se de demonstrar foi que a estrada Pedro I, com o traçado proposto, não podia attingir o ponto de convergencia indicado.

Em seguida manifesta a ideia de que seria mais conveniente, sob o ponto de vista strategico, a legião da via ferrea do Paraná ao Rio Grande do Sul.

Quanto absurdo para disfarçar a parcialidade!

Onde quer o Sr. Firmo de Mello descobrir no Paraná um porto com estações militares e outras vantagens que se comparem as que fornece o Desterro?

Diz o Sr. Firmo de Mello que a via ferrea Pedro I não poderia supportar, mesmo para o transporte dos generos, a concorrência da navegação maritima; que ainda reduzindo suas taxas a ponto de igualal-as ás dos barcos á vela, não os venceria na concorrência porque estes podem ainda reduzi-las muito.

Que despropósito do Sr. engenheiro chefe!

Pois se pretende condemnar em parte a Pedro I, pelo facto de serem caros os preços do transporte de generos, como é que acha preferivel a construção d'uma estrada que venha de S. Paulo ou do Paraná a Porto Alegre?

Para que construir essa estrada?

Para transportar generos e mercadorias não é possivel, porque os preços dos transportes ficariam duplamente mais caros do que os daquella que S. S. intenta

Não analysaremos muitos trechos do relatório do Sr. Firmo de Mello, para mostrarmos a parcialidade com que o Sr. Firmo de Mello apresenta de construir-se a Pedro I a imprensa quasi que em geral cumbido de o fazer, provando da opinião desse engenheiro.

Sobre a questão, pois, toda p

lavrado nosso protesto e cumprido o nosso dever.

Assim nos aconselha e determina a escola politica que adoptamos.

Como, dispondo da imprensa, esse sexto sentido dos povos, deixaríamos passar sem reparo o attentado que, com o nome de —Parecer da commissão fiscal—, se commetteo contra o futuro de todo o Sul do Imperio?

Seria possível que cruzassemos os braços e contemplassemos indifferentes essa trave, que o interesse privado de uma empresa arremessou á marcha evolutiva deste aureo torrão que se denomina Provincia de Santa Catharina?

Não, nunca!

Seria isto faltarmos aos sacrosantos deveres que a nós mesmos impuzemos; atraiçoar as ideias em nome das quaes nos dirigimos ao povo, de quem somos filho; prostituir a imprensa—a deusa que o seculo XIX adora de joelhos.

A nossa missão é erguer o braço contra todos os despotismos; arcar com todos os fortes que injustamente opprimem os fracos; lutar até cair extenuados na arena. E para isso quaes as armas que temos á empregar?

Sem duvida não serão nem a força muscular, nem as artimanhas dos aulicos: a navalha do capoeira e as transacções indecorosas dos parasitas da monarchia repugnam igualmente.

As nossas armas serão: a imprensa e a tribuna, d'onde bradaremos incessantemente, pondo em alarma os povos desta região, contra o futuro da qual a commissão fiscal investio de assalto!

Luctaremos com o denodo do soldado que luta pela liberdade e pelo engrandecimento de sua patria.

E estamos certos que neste terreno neutro, onde não chegam as discordias politicas, seremos auxiliados por todos os catharinenses!

Eia, pois! Ao combate contra o inimigo commum!

Se vencedores, ficaremos cheios de ufania, por havermos conseguido alguma cousa para este querido Brazil; se vencidos restar-nos ha o consolo de que algum dia a justiça da historia nos dará brilhante victoria, estigmatizando a memoria dos inimigos da patria.

NOTICIARIO

FESTA ABOLICIONISTA

Domingo passado realison-se a annunciada Festa Abolicionista.

A sociedade *Alvaro de Carvalho* deu espectáculo com o drama *Os mineiros da desgraça*, e o nosso amigo Herculano de Freitas fez a conferencia abolicionista.

O desempenho do drama, escusado é dizer-se, todos conhecem o merito dos membros da *Alvaro de Carvalho*, foi excellente, nada deixou a desejar.

A comedia foi tambem bem representada e provocou geraes gargalhadas.

Em desempenho do que havia promettido, o nosso amigo desenvolveu a these «libertação com indemnisação em serviços».

Disse: «Que se bem que a escravidão já houvesse sido uma conquista da civilisação sobre o barbarismo, que entregava os prisioneiros de guerra á morte; que si bem que ella já houvesse auxiliado ao progresso, contribuindo para a conquista de fortunas que determinaram por sua vez posições independentes e que tornaram possível a accumulção de conhecimentos em certas classes, para mais tarde, quando o systema de vida dos povos se transformou, difundirem-se pela quasi generalidade do povo, então em estado de recebel-os e desenvolvê-os; que si bem que ella já houvesse sido um elemento de progresso, não passava hoje de um grave prejuizo, quer para as conveniencias

moraes e economicas do paiz, quer para as conveniencias individuais dos senhores;

Que attendendo a essas circumstancias, era de necessidade urgente, não só para a nação como tambem para os possuidores de escravos, tratar-se de acabar com a escravidão;

Que para isso diversos meios se apresentavam;

A libertação immediata e sem indemnisação, a libertação com indemnisação pecuniaria, a libertação por idades e abatimentos annuaes, a libertação com locação de serviços por um prazo determinado;

Que o complexo systema do projecto Saraiva não convinha á nação, nem aos senhores, nem aos escravizados, não passa de auxilios aos credôres multiplos dos fazendeiros arruinados, como disse-o um jornal, e não resolve o grave problema da emancipação e da transformação do trabalho;

Que o meio mais acertado, pois, é o que mais convem ás partes interessadas — é a libertação com indemnisação em serviços;

Que esse systema não pôde merecer desconfianças, nem duvidas, pois foi applicado no Rio Grande com os melhores resultados, onde já produziu mais de 45 mil libertações, sem que tenham apparecido queixas sérias e dignas de attenção;

Que appareciam objecções a esse meio, argumentando-se com a falta de cumprimento dos contractos, mas que não procediam taes argumentos, pois que não passavam de excepções os casos notados e que essas mostravam-se tambem na escravidão com a fuga dos escravizados;

Que n'uma provincia como a de Santa Catharina, limitrophe de uma outra quasi liberta —o Rio Grande— facilimo era para o escravizado fugar, não havendo então meios de apanha-lo, pois que os Rio Grandenses não consentiriam que se fosse prender no territorio de sua provincia, individuos que só tinham o crime de procurar, onde possível, conquistar a liberdade;

Que em vista disso, muito maiores garantias apresentavam os contractos de locação do que a permanencia do individuo como escravo;

Que, pois, deviam quanto antes os Catharinenses adoptar o systema de libertação com indemnisação em serviços para emancipar a provincia;

Que assim procedendo elles teriam dado um grande passo, pois teriam não só emancipado a provincia, como tambem estabelecido um regimen de protecção que prepararia o escravizado de hoje para o homem livre, o cidadão util do futuro;

Que não se podendo tratar immediatamente da libertação de toda a provincia, devia-se, no entanto, iniciar o movimento no Desterro, e que para isso era de toda a conveniencia a fundação d'um centro composto de cidadãos distinctos, pertencentes a todos os partidos, que disso se encarregasse;

Que para compôr o *Centro Abolicionista* propunha o nome de 16 cavalheiros dignos de todo o respeito e esperava da parte do publico aceitação.

Approvados os nomes apresentados, disse o nosso amigo «que havia feito todos os esforços para convencer ao auditorio da conveniencia dos meios que propunha, mas que se não lhe tivesse sido possível alcançar tal convicção, elle esperava que a generosidade dos catharinenses e sua grandza d'alma fariam aquillo que não pôde fazer a voz do orador.»

Depois disto, terminou agradecendo ao publico a attenção com que ouviu-o.

Está dado o primeiro passo; compete agora aos filhos desta generosa terra levar a effeito aquillo por que a civilisação, a moral, a humanidade e até a conveniencia, clamam.

CAMINHAMOS

Na quinta-feira 13 do corrente effectuou-se no *Club 12 de Agosto* a reunião dos membros do *Centro Abolicionista*.

Nesse reunião foi escolhida a directoria,

que compõe-se de *Presidente*—major Affonso d'Albuquerque Mello

Secretario—tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva

Thesoureiro—tenente-coronel André Wendhausen.

Procurador—Dr. José Henriques de Paiva.

Determinou-se mais que hoje effectuar-seia uma reunião para apresentar-se a lista dos escravos do Desterro, distribuidos pelas diferentes ruas e nomear-se commissões que tratarão de conseguir as libertações nos diversos pontos da cidade.

Depois disso encerrou-se a sessão.

Parece-nos que, desta vez, muito se conseguirá, attento a boa vontade e patriotismo dos membros do *Centro*.

Avante! avante! para as conquistas da liberdade não é licito que haja descansos, enfraquecimentos;

Para a frente, custe o que custar, sejam precisos os maiores sacrificios, deve ser a norma dos Abolicionistas de Santa Catharina.

CLUB REPUBLICANO

Em reunião que teve lugar no dia 13 nos salões do hotel Brazil, installou-se o Club Republicano, que tem por fim cuidar da propaganda republicana e collocar-se energicamente á frente dos interesses mais palpitantes desta provincia.

Discutiram-se largamente varios melhoramentos que hoje mais que nunca esta provincia precisa conseguir, entre elles a urgente desobstrução do taboleiro.

Pedimos a todos os cidadãos brasileiros que reputeem acima de tudo os nobres sentimentos patrioticos, que cada um tem por dever ter em consideração, nos façam a honra de nos dispensar o seu valioso auxilio, afim de que sejam coroados de feliz exito os assumptos e questões de que nos occuparmos, guiados pelo directorio do partido, no intuito exclusivo de conseguirmos o desenvolvimento do povo e o engrandecimento da provincia de Santa Catharina.

MEDIDA ACERTADA

Attendendo a inadiaveis necessidades desta capital, resolveu o Sr. presidente da provincia obter um credito de dois contos para adiantar o aterro da praça do Menino Deus.

Não será o aterro a satisfação de tudo que demanda aquelle lugar para sua perfeita saneação; mas já é alguma cousa, e alguma cousa bem util.

Diz-se que não valerá este aterro, pois será desmoronado pelo mar.

Não crêmos em tal, adoptamos o proverbio —*contra factos não ha argumentos* e vemos que a parte que se acha aterrada cada vez mais consolida se com as aréas que o mar ali deposita constantemente.

Vã tratando o Sr. presidente de executar medidas como esta, que os catharinenses far-lhe-hão justiça.

S. FRANCISCO, JOINVILLE E S. BENTO

Por intermedio do distincto cidadão brasileiro Sr. Ignacio Lazaro Bastos soubemos que naquellas localidades vão iniciar-se como nesta capital clubs republicanos.

Isso prova o adiantamento em que marcha o norte da provincia.

Andem assim e o futuro será risonho á nossa propaganda, aos nossos esforços.

Nossas sinceras felicitações aos iniciadores de tão grandiosa idea.

Parabens á provincia.

E. F. THEREZA CHRISTINA

A' ultima hora recebemos os dados que nos foram fornecidos por pessoas habilitadas e insuspeitas, para com fundamento e criterio tratarmos do ponto que deve servir de ponto de partida dessa estrada; mas não nos sendo possível occuparmo-nos desse assumpto neste numero, o faremos no outro.

ADHESÕES REPUBLICANAS

De Guaratinguetá escrevem à *Provincia de S. Paulo*:

« Continuam aqui com entusiasmo as adesões ao partido republicano.

« Subscreveram o manifesto de 3 de Dezembro mais seis distinctos cidadãos. São os srs.: Ambrosio Augusto dos Santos Velho, Benedicto Candido Corte Brilho, Erancisco Monteiro dos Reis Cezar, Joaquim Pacheco da Silva, Joaquim Augusto dos Santos Velho e José Manoel dos Reis Cezar.

« Parabens á causa republicana ! »

Deserta um das fileiras e apresentam-se seis !

CARTAS AOS CHILENOS

Em *cartas aos chilenos*, o nosso collega da *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro faz-lhes a apresentação do sr. conselheiro Lafayette, delegado deste imperio no Congresso Arbitral do Chile.

Eis um interessante trecho:

« Ha um pugillo de homens fortes e espartanos, que se fizeram proscriptos em seu proprio paiz e que com indomavel energia lutam desesperadamente pela causa da patria, almejando-lhe um futuro digno de uma nação americana.

« Esses homens são os republicanos brasileiros.

« Idéa generosa, que já em tempos colonias emergira, e o cutello da metropole debalde tentava trucidar, força patriótica, que em revoltas energicas e repetidas tem tentado, por vezes, libertar a nação, a idéa republicana, desde remotos tempos, trabalha pela regeneração do paiz.

« A força e o punhal do sicario, o desterro e a proscricção foram as primeiras armas vibradas contra nós.

« Mas os que cahiam eram outros tantos martyres, cujo exemplo nos incitava e cuja coragem nos dava alento !

« Mudaram-se os tempos ! mudaram-se as tacticas !

« Ensaaiou-se a corrupção !

« Onde mais forte palpitasse uma energia, onde mais puro brilhasse um talento, onde culminasse o signal de uma vontade, para ahí convergiam as forças corruptoras e convergiam até se apossarem dessa energia, até abafarem esse talento, até aniquilarem essa vontade !

« E depois, quando os transfugas, impellidos pela mão que tudo pôde, escalavam rapidamente as eminencias sociaes, um dedo de escarneo os apontava ao povo, como legítimos irmãos de todos os mais, que continuavam a bater-se pelos seus direitos !

« A força, o punhal, o desterro deram-nos forças; a corrupção tem-nos enfraquecido !

« Pois bem... Lafayette Rodrigues Pereira é um desses bandeados, um desses transfugas, um desses traidores da democracia.

« Depois que a corrupção monarchica o transmutou em um de seus mais valentes instrumentos, o espirito superior desse homem passou por uma completa transformação.

« A sua inteira dedicação ao grande Senhor foi a mola magica que o elevou, de subito, a ministro, a deputado, a senador, a presidente do conselho, em pouco mais de dois annos !

« Esqueceu as doutrinas sagradas da democracia, que tinha professado e que tinha ensinado, apagou o ideal da liberdade que lhe illuminava o ecesso da consciencia, desprezou os louros dos combates que tinha travado e que tinha vencido, e, affrontando a colera dos seus antigos co-irmãos, a repugnancia de seus novos co-religionarios e a execração publica, que o anathematisou, este homem fez depressa a jornada penosa da traição, em cuja recompensa tem recebido a investidura dos altos encargos com que a monarchia o distingue !

« Uma phrase sua, popular hoje em todo o

Brazil e proferida quando as forças vivas da nação lhe perguntavam se como chefe do poder executivo apresentaria ao parlamento o projecto da almejada reforma servil, uma só phrase sua, resume todo o character actual desse homem:

« *Pôde ser que sim e pôde ser que não !*

« Esta devise, que em si só dá o valor moral exacto desse homem, é a legenda que deve illuminar os proximos brazões do transfuga, quando o imperador, para sellar a sua obra gloriosa, lhe mudar o nome que recebeu na pia baptismal por um titulo selvagem de nobreza monarchica. »

— Ai, Maria, vem depressa, desaperta este collete:

Eu me suffoco... ai, já temo estourar como foguete !

— Nhãnhãsinha está tão bella !

Mas emlim, dá tantos ais...

Oh ! espera ! estou bonita ?

Pois então aperta mais...

(Do *Mercantil* de Porto-Alegre.)

Camara dos deputados

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1885.

O SR. CAMPOS SALLES (*continuando*): — A caricatura representava o seguinte: Calonne, o celebre ministro de Luiz XVI, vestido de cosinheiro e com o competente facão em punho, dirigia-se a um bando de aves figurando os *Notaveis*, e dizia-lhes: « Meus caros administradores, eu vos tenho aqui reunido para saber com que molho quereis ser comidos. » Os *Notaveis* responderam: « Mas nós não queremos absolutamente ser comidos. » (*Riso.*) Ao que Calonne replicou: « Perdão; vós fugis da questão. » Eis aqui, senhores, mais ou menos a que temos sido reduzidos: um bando de aves esperando que os cosinheiros do rei venham dizer-nos com que molho quereis ser comidos. (*Risadas.*)

Visto que me estou occupando da politica dos empregos publicos, peço licença para fazer uma ligeira referencia a um discurso do illustrado senador pela provincia do Rio Grande do Sul, o Sr. Silveira Martins. Sei que isto não está inteiramente de accordo com as nossas praticas; mas eu peço a V. Ex. que me permita esta ligeira infracção.

O honrado senador, no discurso a que alludo e que tive o prazer de ouvir, declarou que ha na sua provincia republicanos que occupam empregos publicos. Mas o que pretendeu o honrado senador com esta declaração ? Queria acaso negar aos republicanos o direito de exercerem cargos publicos ? Não, por certo. S. Ex. tem bastante talento e bastante criterio para não desconhecer que os empregos não pertencem á monarchia, mas á nação; que os funcionarios servem o Estado e não o governo, qualquer que elle seja.

E esta é a doutrina sustentada pelo proprio senador a que me refiro, conforme se vê do seguinte topico de um seu discurso, proferido nesta Camara em 1877.

Disse S. Ex. (*16*):

« Um empregado publico qualquer tem o direito de votar, fallar e escrever contra o governo, comtanto que não prejudique o exercicio de suas funções. O salario que recebe do thesouro não é um presente, é recompensa dos serviços prestados: não é o governo que lhe paga, é a nação que se compõe de contribuintes filiados a todas as opiniões. »

Eis aqui a opinião do nobre senador em 1877.

Como se vê, não exceptuou os republicanos, porque S. Ex. referia-se a todas as opiniões, sem excepção. E da mesma forma eu entendo que para a escolha dos funcionarios publicos não ha outro criterio senão aquelle que consiste nas aptidões e capacidade dos que querem servir os empregos.

Eu abro entretanto uma unica excepção a esta regra; é quanto aos empregos de confiança politica. Mas pergunto: será a estes empregos de confiança politica que se refere o nobre senador pela provincia do Rio Grande do Sul ? Não pôde ser; e não pôde ser, porque os republicanos, que esquecem as leis do decoro e da honestidade, os republicanos que suffocam todos os nobres estimulos da honra para irem servir a monarchia nos logares de confiança, desde o mais modesto até ao alto cargo de ministro de Estado, esses não são mais republicanos, são corruptos; não pertencem mais a estas fileiras, devem ser procurados e encontrados lá nas fileiras dos corruptores (*muito bem, apartes*).

O SR. DIOGO DE VASCONCELLOS: — Para cá nós não os queremos. (*Ha outros apartes.*)

O SR. CAMPOS SALLES: — Mas, si não era este o pensamento com que o nobre senador fazia esta declaração, qual era o seu intuito ? Seria para fazer uma censura ? Mas censura porque, si não podem incorrer em censura aquelles que exercem um direito legitimo e como tal reconhecido por S. Ex. ?

Seria para pôr em prova a firmeza e a convicção dos republicanos de sua heroica provincia ?

Conteria acaso uma ameaça a sua declaração ?

Mas si a abnegação, si a renuncia dos empregados e a coragem de procurar a subsistencia no trabalho honrado e honesto, fôra das repartições publicas, já deixou de ser neste paiz um simples dever, para ser considerada um acto de heroismo, então eu peço licença para declarar que o partido republicano é um partido de heróis; porque aquelles que se acolhem a esta bandeira sabem muito bem que estão condemnados, até pelos falsos apóstolos da liberdade, a serem estrangeiros no seio da sua propria patria ! (*Não apoiados e apartes.*)

Elles sabem que estão em um posto de sacrificios. (*Continuam os apartes.*)

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — E' a vantagem da nossa forma de governo.

O SR. CAMPOS SALLES: — Si eu não tivesse, Sr. presidente, outros elementos para julgar do desenvolvimento e da prosperidade do partido republicano da heroica provincia do Rio Grande do Sul, si eu não tivesse a sua brilhante imprensa, nem os seus notaveis livros de propaganda, para conhecer os grandes talentos que estão alli ao serviço da causa democratica; si eu não tivesse os seus heroicos combates politicos para ver na sua pederosa disciplina o cunho de uma direcção intelligente e activa, si eu não possuísse nenhum desses elementos, bastaria a attitudé do nobre senador, para acreditar que naquella porção do imperio a propaganda republicana caminha rapidamente, fazendo brilhantes conquistas !

O SR. PRUDENTE DE MORAES: — Apoiado. Não precisa mais outra prova.

O SR. CAMPOS SALLES: — O nobre senador, com o seu grande talento, com o seu espirito activo e energico, com aquella coragem indomavel que nunca esmoreceu nos grandes combates politicos em que se ha empenhado, não viria para o senado fazer de ganso do Capitolio, dando o grito de alarma para despertar as hostes monarchicas, si não visse no joven e denodado partido republicano de sua provincia os fundamentos de um exercito fadado para a victoria !

O SR. DIOGO DE VASCONCELLOS dá um aparte.

O SR. CAMPOS SALLES: — Limite-se o nobre deputado a pensar na mensagem a Victor Hugo, e deixe-me continuar. (*Hilaridade.*)

O SR. PRESIDENTE (*fazendo soar os tympanos*): — Attenção !

O SR. DIOGO DE VASCONCELLOS: — Hei de pensar como quizer; até sobre V. Ex. quanto mais sobre Victor Hugo.

(*Continúa.*)